

ATUAÇÃO DO ENFERMEIRO NA GESTÃO DO ATENDIMENTO PRÉ-HOSPITALAR

NURSING PRACTICE IN THE MANAGEMENT OF PRE-HOSPITAL CARE

LAURA LIGIANA DIAS SZERWIESKI^{1*}, LUSSANDRA FERREIRA DE OLIVEIRA²

1. Enfermeira. Especialista em Urgência e Emergência com enfoque em Atendimento pré-hospitalar. Mestranda em Promoção da saúde; 2. Enfermeira. Especialista em Urgência e Emergência com enfoque em Atendimento pré-hospitalar.

* Rua José Graneiro, 70, Itambé, Paraná, Brasil. CEP: 87175-000. laura.enfer@gmail.com

Recebido em 23/06/2015. Aceito para publicação em 10/07/2015

RESUMO

O objetivo desta pesquisa foi analisar como é a atuação do enfermeiro na gestão do atendimento pré-hospitalar. Como forma de alcançar este objetivo foi feito um estudo de revisão onde abordou sobre os artigos publicados de 2008 a 2013 nas bases de dados LILACS e SCIELO. Foram identificados 269 artigos, porém somente dez atenderam aos critérios de inclusão. Após leitura criteriosa e avaliação, somente quatro artigos que respondiam ao objetivo de estudo foram selecionados para análise. Concluiu-se através deste estudo que o enfermeiro desempenha a função de gerenciar o atendimento pré-hospitalar sendo feito na maioria das vezes a distância, não sendo tão eficaz quanto presencialmente, pois, desempenha tanto as funções de gestor situacional como realiza as atividades do cuidado.

PALAVRAS-CHAVE: Administração de serviços de saúde, emergências, educação em enfermagem.

ABSTRACT

The aim of this study was to analyze how the nurse's role in the management of pre-hospital care. In order to achieve this goal was made a revision on which this study addressed on articles published from 2008 to 2013 in the databases LILACS and SciELO. 269 articles were identified, but only ten met the inclusion criteria. After careful reading and evaluation, only four articles that answered the purpose of the study were selected for analysis. It was concluded through this study that the nurse performs the function of managing the prehospital being done mostly at a distance, not being as effective as in person therefore plays both roles as situational manager performs the activities of care.

KEYWORDS: Pre-hospital care, management, nursing.

1. INTRODUÇÃO

O Ministério da Saúde relata de forma alarmante a ocorrência de acidentes em todo o território brasileiro,

conforme as estatísticas os acidentes envolvendo traumas no trânsito, envenenamento, afogamento, quedas, queimaduras, e violências representam, no Brasil, a primeira posição na população de adultos jovens (10 a 39 anos) e a terceira posição na população geral (BRASIL, 2011).

Como os acidentes e as violências resultam em mortalidade prematura e evitável, impõem incapacidades às vítimas e geram altos custos coletivos, a ocorrência destes eventos exige constante monitoramento e vigilância para subsidiar a avaliação e o aperfeiçoamento das políticas públicas vigentes (GENTIL, RAMOS & YAMAGUCHI, 2008).

Considerando a necessidade de um atendimento individual, ágil e eficaz para os indivíduos em situações de urgência e emergência, foi implantado em meados da década de 90, no Rio de Janeiro e São Paulo o Atendimento Pré-Hospitalar (APH) tendo por objetivo prestar a assistência em um primeiro nível de atenção, aos portadores de quadros agudos, de natureza clínica, traumática ou psiquiátrica, quando ocorrem fora do ambiente hospitalar, podendo acarretar sequelas ou até mesmo a morte (MARTINS & PRADO, 2003).

Em 2002 o Ministério da Saúde criou a Portaria GM/MS n.º 2048, que reconhece a efetividade da assistência precoce às pessoas em situação de emergência, seja por mal súbito, acidentes ou violência, resultando no surgimento de vários serviços de saúde que realizam o atendimento pré-hospitalar (APH). Este atendimento é realizado principalmente pelo técnico de enfermagem, enfermeiro, médico e motorista (BRASIL, 2002).

O enfermeiro é participante ativo da equipe de atendimento pré-hospitalar e assume em conjunto com a equipe a responsabilidade pela assistência prestada às vítimas. Atua onde há restrição de espaço físico e em ambientes diversos, em situações de limite de tempo, da vítima e da cena e, portanto são necessárias decisões

imediatas, baseadas em conhecimento e rápida avaliação (THOMAS & LIMA, 2000).

Deste modo, a prática da enfermagem no ambiente pré-hospitalar envolve não apenas habilidade bem treinada e competência no cuidado do paciente, nas diversas circunstâncias e situações, mas também o preparo para enfrentar desafios que não são encontrados na prática da enfermagem hospitalar.

A atuação do enfermeiro não se restringe apenas à assistência direta, já que o enfermeiro, neste sistema, além de executar o socorro às vítimas em situação de emergência e fora do ambiente hospitalar, também desenvolve atividades educativas como instrutor, participando na revisão dos protocolos de atendimentos, elaborando material didático, além de atuar junto à equipe multiprofissional na ocorrência de calamidades e acidentes de grandes proporções (RAMOS & SANNA, 2005).

Há uma necessidade emergente de observar qual é o papel desenvolvido pelo enfermeiro, se o mesmo está desempenhando somente as funções administrativas, pois conforme algumas pesquisas o enfermeiro tem realizado um atendimento a distância, onde acaba prejudicando a equipe e o próprio indivíduo, o atendimento presencial só ocorre em casos graves que é necessário a realização de procedimentos invasivos. Dentro deste contexto, esta pesquisa tem como objetivo verificar a atuação do enfermeiro na gestão do Atendimento Pré-Hospitalar.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo de revisão de literatura, descritivo, explicativo. Realizado no ano de 2013 através de pesquisa realizado nas bases de dados LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde) e SCIELO (Scientific Electronic Library Online).

Segundo Severino, a revisão de literatura decorre de pesquisas anteriores em documentos impressos, como livros, artigos e teses, utilizando dados ou categorias teóricas já trabalhadas por outros pesquisadores devidamente registrados. Para Severino (p.122), “o pesquisador trabalha a partir de contribuições dos autores dos estudos analíticos constantes dos textos” (SEVERINO, 2007).

A coleta de dados foi realizada no período de Maio à Julho de 2015, através dos descritores: **enfermagem, gerenciamento da prática profissional, gestão dos serviços de saúde**. Os critérios de inclusão da composição da amostra foram: tratar-se de artigo original indexados no SCIELO e LILACS; estar publicado no período de 2008 a 2013; revistas com Qualis A1 – B5, estar publicado em literatura nacional (português).

3. DESENVOLVIMENTO

Gestão do atendimento de enfermagem

O enfermeiro tem desempenhado inúmeras funções nos diversos âmbitos de serviços, tanto hospitalares como extra-hospitalares, e uma de suas mais importantes incumbências é a administração, tanto dos funcionários como de materiais e das situações ocorridas.

Chiavenato descreve que a administração é o processo de planejar, organizar, dirigir e controlar os esforços dos membros da organização e de utilizar todos os recursos disponíveis para alcançar objetivos organizacionais previamente estabelecidos. Estes recursos incluem o capital, o trabalho, informação e tecnologia (CHIAVENATO, 1999).

O enfermeiro desempenha a função de líder e gestor e Vendemiatti *et al.*, (2010) afirmam que “parte da tarefa do líder é trabalhar com as pessoas para identificar e solucionar problemas, mas o seu acesso ao conhecimento e ao pensamento criativo são necessários para a resolução dos problemas depende do quanto as pessoas confiam nele”. A confiança e a credibilidade modulam o acesso do líder ao conhecimento e à cooperação.

Os modelos atuais de gestão trazem conceitos de inovação, flexibilidade, trabalho em equipe e decisões descentralizadas. Estes novos modelos refletem a busca de caminhos para melhorar o desempenho organizacional, por meio de uma participação mais efetiva de todos os envolvidos nos processos administrativos e operacionais, ou seja, o enfermeiro só passa a planejar e desenvolver as ações em conjunto com a sua equipe, onde todos podem ter voz ativa (BORK, 2003).

O Enfermeiro precisa desenvolver as competências de atenção à saúde, tomada de decisão, comunicação, liderança, administração e gerenciamento, e educação permanente (BRASIL, 2001) e deve se adaptar a essas exigências de maneira crítica e reflexiva, em especial, com relação às competências necessárias para seu bom desempenho profissionais, a fim de sempre buscar a valorização pelo mundo do trabalho e pela sociedade (FURUKAWA & CUNHA, 2010).

Lei do exercício profissional

Conforme a Lei do Exercício Profissional N 7.498/86, DE 25 DE JUNHO DE 1986, no Art. 11 é função do Enfermeiro exercer todas as atividades de enfermagem, com atuação privativa nos cuidados diretos de enfermagem a pacientes graves com risco de vida e nos cuidados de enfermagem de maior complexidade técnica e que exijam conhecimentos de base científica e capacidade de tomar decisões imediatas (BRASIL, 1986).

A lei segue expondo no Parágrafo Único que Toda Assistência de Enfermagem em atendimento em

Unidades Móveis de UTI e Suporte Avançado de Vida tem que ser prestada pelo Enfermeiro.

O Art. 2º delega as funções a serem desempenhadas pelo enfermeiro, onde deverá desenvolver a sistematização da Assistência de Enfermagem como forma de registro e anotações pertinentes à profissão e aos respectivos profissionais de Enfermagem. [...]. Art. 3º A Assistência de Enfermagem Pré-Hospitalar tem que estar alicerçada em protocolos Técnicos específicos, devidamente assinados pelo Diretor Técnico e pelo Enfermeiro Responsável Técnico de Enfermagem da Instituição ou Empresa [...]. (COFEN, 2005).

Atuação do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar

A portaria 2048 de 05 de novembro de 2002 traz em suas alíneas as competências e atribuições exigidas ao profissional enfermeiro. É de responsabilidade do enfermeiro supervisionar e avaliar as ações de enfermagem da equipe no Atendimento Pré-Hospitalar Móvel; executar prescrições médicas por telemedicina; prestar cuidados de enfermagem de maior complexidade técnica a pacientes graves e com risco de vida, que exijam conhecimentos científicos adequados e capacidade de tomar decisões imediatas (BRASIL, 2002).

É função do enfermeiro prestar a assistência de enfermagem à gestante, a parturiente e ao recém-nato; realizar partos sem distócia; participar nos programas de treinamento e aprimoramento de pessoal de saúde em urgências, particularmente nos programas de educação continuada; fazer controle de qualidade do serviço nos aspectos inerentes à sua profissão; conhecer equipamentos e realizar manobras de extração manual de vítimas.

O enfermeiro em suas inúmeras atribuições e funções deve prestar a assistência técnica e administrativa, ser responsável pelo treinamento de sua equipe, desenvolver a educação continuada e obedecer e orientar ao restante de sua equipe sobre a observância da Lei do Exercício Profissional e o Código de Ética de Enfermagem (COFEN, 2007).

No Brasil, a atuação do enfermeiro e a sua capacitação está em atraso, se comparados com outros países como, por exemplo, Estados Unidos e França, que possuem um sistema de APH mais desenvolvido, nos quais os enfermeiros têm sua função consolidada e reconhecida em seus sistemas de atendimento. Mas, mesmo nos países desenvolvidos, a função do enfermeiro é constantemente repensada (RAMOS & SANNA, 2005).

Gestão no Atendimento Pré-Hospitalar

Considerando que um dos processos de trabalho em enfermagem é o Gerenciar e que os enfermeiros historicamente têm assumido cargos gerenciais de

serviços de saúde, torna-se relevante para profissionais e instituições, inclusive, de ensino definir e desenvolver as competências gerenciais do enfermeiro, promovendo desta forma um melhor atendimento à equipe as vítimas (GAIDZINSKI, PERES & FERNANDES, 2004).

A gerência como a arte de pensar, de decidir e de agir; a arte de fazer acontecer e de obter resultados. Resultados que podem ser definidos, previstos, analisados e avaliados, mas que têm de ser alcançados através de pessoas e numa interação humana constante. Assim, o gerenciamento é descrito não como um processo apenas científico e racional, mas também como um processo de interação humana que lhe confere, portanto, uma dimensão psicológica, emocional e intuitiva (MOTTA, 1998).

O enfermeiro tem a função de atuar como gestor situacional e além de prestar o atendimento necessário para a sobrevivência da vítima, também precisa ter um bom relacionamento com sua equipe e saber quais são as suas funções. Além disso, deve reconhecer o valor do outro e do trabalho grupal, visando estabelecer uma liderança responsável e ética, onde a busca contínua do conhecimento, a confiança e a fluidez prevaleçam em prol da busca cada vez maior da qualidade da assistência (BORK, 2003).

4. RESULTADOS

Foram identificados 269 artigos (LILACS 269, SCIELO 0), porém somente 10 atenderam aos critérios de inclusão. Após leitura criteriosa e avaliação, 6 artigos foram excluídos: 4 artigos por serem repetidos e 2 artigos completos não encontrados. Assim, 4 artigos que respondiam ao objetivo de estudo foram selecionados para análise.

Os trabalhos analisados foram publicados entre 2008 e 2013, sendo que 3 utilizaram a metodologia qualitativa e 1 quantitativa, 3 foram publicados em revistas de enfermagem, 3 tiveram como sujeitos da pesquisa enfermeiros, 2 com auxiliares de enfermagem. O número de sujeitos variou entre 9 a 26 pessoas, todos os trabalhos realizaram a pesquisa no SAMU- Serviço de Atendimento Móvel de Urgência.

Descreve-se no Quadro 1 as principais características dos artigos analisados, e em seguida os principais resultados evidenciados pelos mesmos

Quadro 1. Características dos artigos analisados

Título da pesquisa e autores	Descrição da pesquisa
Capacitação de enfermeiros em atendimento pré-hospitalar	Pesquisa qualitativa. Tem como objetivo: verificar a opinião dos enfermeiros sobre conhecimentos teóricos e habilidades de enfermagem necessários para o exercício em APH e analisá-la de acordo com a prática clínica. Este artigo abordou somente sobre as funções desempenhadas pelo enfermeiro- focando mais a parte técnica, mas foi ressaltada a importância
GENTIL, R. C.; RAMOS, L.H and WHITAKER, I. Y.	

	da tomada de decisão, prontidão e destreza sob estresse. Esta pesquisa reforça a importância da capacitação na área do atendimento pré-hospitalar, abordando sobre a necessidade de programas direcionados para o desenvolvimento de competências nessa área.
Concepções e sentimentos de enfermeiros que atuam no atendimento pré-hospitalar sobre a prática e a formação profissional. ROMANZINI, E.M.; BOCK, L.F.	Pesquisa qualitativa que teve como objetivo: Identificar os sentimentos resultantes da atuação e formação dos enfermeiros do serviço de atendimento pré-hospitalar (APH) móvel de urgência. Os resultados evidenciaram que o enfermeiro possui atribuições e responsabilidades específicas de assistência e também contribui nas ações de planejamento, organização e coordenação gerencial do SAMU.
Supervisão do enfermeiro no APH móvel: visão dos auxiliares de enfermagem. RAMOS, B.A; MAZITELLI, B.J; JÚNIOR, J.B; PAIVA, P. N.	Pesquisa qualitativa, que teve como objetivo: Identificar a supervisão do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar móvel de um município do Interior do Estado de SP na visão dos auxiliares de enfermagem. A supervisão do enfermeiro é vista como uma ferramenta administrativa importante para a execução do seu trabalho, pois se trata de momentos de orientação e controle que, quando executados corretamente, levam à qualificação da assistência prestada. É necessário um atendimento do enfermeiro de forma mais presente, precisa estar sabendo o que está acontecendo, agindo com competência e capacidade para orientar via rádio e realizar treinamentos periódicos com a equipe.
Percepção da equipe de enfermagem de um serviço de atendimento pré-hospitalar móvel sobre o gerenciamento de enfermagem. BUENO, A.A.; BERNARDES, A.	Pesquisa qualitativa que buscou identificar a percepção da equipe de enfermagem de um serviço de atendimento pré-hospitalar móvel sobre o gerenciamento de enfermagem. O enfermeiro deve ser empreendedor, ético, e voltar-se para os objetivos sociais de sua organização e/ou instituição e buscar o domínio das técnicas de gestão, agir como facilitador da busca de resultados que valorizem e deem sentido ao seu trabalho e da equipe.

5. DISCUSSÃO

Os artigos evidenciaram a importância do gestor no atendimento pré-hospitalar, devido às atividades serem de alta complexidade. Também foi abordado sobre as atividades desenvolvidas pelo enfermeiro, pode-se perceber que os técnicos, auxiliares e todo o restante da equipe sabe quais são as funções do enfermeiro.

Nos artigos 2,3,4 foi abordado sobre as principais atividades desenvolvidas pelo enfermeiro como gestor situacional, entre elas pode-se destacar a assistência administrativa, o enfermeiro é visto como um orientador, controlador da situação, como empreendedor, ético, responsável pela tomada de decisão e pelo cumprimento dos objetivos sociais de sua organização e/ou instituição que busca o domínio das técnicas de gestão, agindo como facilitador, e que possui destreza sob estresse.

Bernardes descreve o enfermeiro como agente arti-

culador, facilitador e integrador, não bastando apenas às competências técnicas, para o autor é necessário entender as pessoas e os grupos para conquistar uma melhor coordenação e supervisão dos recursos humanos (BUENO & BERNARDES, 2010).

Corroborando com a ideia acima, Peres e Ciampone afirmam que o trabalho de enfermagem como instrumento do processo de trabalho em saúde, subdivide-se ainda em vários processos de trabalho como cuidar/assistir, administrar/gerenciar, pesquisar e ensinar. Dentre esses, o cuidar e o gerenciar são os processos mais evidenciados no trabalho do enfermeiro (PERES & CIAMPONE, 2010).

Em contrapartida, nos mesmos artigos citados (artigo 2, 3 e 4) observou-se críticas em relação à atuação do enfermeiro, que por vezes é realizada a distância ou transferida a responsabilidade do gerenciamento para outro membro da equipe.

Segundo Romanzini e Bock, a presença do enfermeiro é de fundamental importância na assistência direta às vítimas [...] Proporciona atendimento mais rápido, organizado, seguro e tranquilo, sendo considerado um ponto de apoio para as equipes (ROMANZINI, BOCK, 2010).

Conforme a Resolução nº 375 de 2011, criada pelo conselho federal de enfermagem (COFEN, 2011), é necessário à presença de um enfermeiro em atividades de alta complexidade, com vítimas em estado grave, porém, nem sempre é possível ter um enfermeiro ou um médico que possa estar auxiliando num primeiro atendimento.

De acordo com a Portaria n.º 2048/GM, o enfermeiro deve ser profissional habilitado para as ações de enfermagem no APH, devendo além das ações assistenciais, prestar serviços administrativos e operacionais em sistemas de atendimento pré-hospitalar, dentre eles a supervisão (COFEN, 2011).

Avelar e Paiva em sua pesquisa descrevem o enfermeiro como um ser solitário e de pouco relacionamento com os demais integrantes da equipe, isso se deve ao fato de ele prescrever o atendimento via telefone e a supervisão ocorrer da base do SAMU, enquanto o auxiliar, técnico de enfermagem e motorista estão prestando o atendimento a vítima. Mas vale ressaltar que em situações de baixa e média complexidade quem é responsável pelo primeiro atendimento é realmente o socorrista técnico ou auxiliar de enfermagem, e nos casos de maior complexidade o atendimento será prestado pelo enfermeiro e o médico (AVELAR & PAIVA, 2010).

Mas discordando desses artigos Pereira e Lima (2009) afirmam que o enfermeiro ampliou seu espaço de atuação no APH, pois além das atividades de gerência, tem maior inserção na parte assistencial, tanto no atendimento básico como no avançado. Assim a assistência do enfermeiro, está diretamente relacionada com os pacientes em estado grave, sob risco de morte, onde realiza

juntamente com o médico, procedimentos de maior complexidade.

A legislação de enfermagem para a assistência pré-hospitalar tem ganhado foco na atualidade. Conforme se constatou há inúmeros decretos e Resoluções que respaldam o enfermeiro a ter autonomia para desenvolver suas atividades. Mas para que o atendimento pré-hospitalar possa se expandir e proporcionar um atendimento eficaz e rápido. É necessário que se invista mais na formação acadêmica, desde os estágios curriculares da graduação apresentando aos acadêmicos as peculiaridades do atendimento pré-hospitalar (COUTINHO, 2011).

Essa falha na supervisão acarreta outros problemas que são descritos nos artigos 3 e 4, na qual os entrevistados relataram a dificuldade relacionadas ao gerenciamento de recursos materiais, principalmente em acidente com múltiplas vítimas.

Segundo Prochnow, *et al.* (2007), é essencial a conscientização e capacitação das equipes sobre o uso correto dos materiais e equipamentos e sobre a importância de mantê-los ao alcance em todas as situações, tanto quantitativa como qualitativamente, para a garantia da qualidade da assistência.

No artigo 1, foi exposto principalmente sobre as principais atividades assistências prestadas pelo enfermeiro, merece destaque nesta pesquisa, pois o enfermeiro além de desempenhar ações administrativas e gerenciais também é responsável pelo atendimento em vítimas de estado grave, com risco iminente de morte. Neste artigo há uma crítica ao ensino da graduação, onde conforme os entrevistados é insuficiente o conhecimento adquirido. Após a formação, ao iniciar as atividades no serviço pré-hospitalar é possível adquirir a prática através de treinamentos para poder iniciar o atendimento a população.

Em outros 2 trabalhos também percebeu-se que não houve preparo suficiente para os profissionais que ingressaram no trabalho em APH e falta de capacitação da equipe. No Artigo 4 por exemplo, os entrevistados relatam um evidente desejo por melhorias, através de treinamento, cursos, informação e juntamente com estes, a valorização e inserção no processo de produção como um todo. Já no artigo 3, os entrevistados fazem referência apenas ao treinamento ocasional e não o planejado, de caráter corretivo e não profilático.

Peres e Ciampone (2006) relatam que nos cursos de enfermagem que formam apenas para o bacharelado, as disciplinas que abarcam conteúdos da área da educação são trabalhadas de maneira dispersa, com dificuldades em associar a educação como saber da Enfermagem. Os cursos de enfermagem que oferecem licenciatura precisam rever sua abordagem, ampliando-a para a capacitação do enfermeiro também exercer o processo educativo informal, presente nas relações do dia-a-dia do trabalho

em saúde, imprimindo a esse processo a disposição para aprender a aprender constantemente.

Portanto, para que haja ampliação nesse sentido, deve-se pensar na educação permanente em serviço, que se caracteriza por uma virada no pensamento da educação profissional, no qual o processo de trabalho passa a ser valorizado como centro privilegiado da aprendizagem (BRASIL, 2004b).

Essas ideias reforçam a observação de Lima e Erdmann, pois eles destacam que a enfermagem, como organização, tem possibilidade de inovação no seu trabalho e que para gerar uma nova mentalidade em qualidade dos serviços de saúde, deve-se incrementar os programas de educação continuada para conhecimento e reflexão sobre os conceitos de qualidade, os critérios de qualidade, a Acreditação e os demais aspectos relativos à gestão da qualidade (LIMA & ERDMANN, 2006).

A equipe que atua na unidade de emergência necessita estar preparada com o mais alto nível de profissionalização para atender aos usuários acometidos por causas externas, principalmente em se tratando de um setor onde a lógica e o pensamento voltam-se ao modelo biomédico. Dessa forma, a educação continuada e permanente, assim como os treinamentos para utilização de protocolos de atendimento imediato ao trauma, possibilitam maior autonomia aos profissionais da equipe de saúde, rompendo paradigmas e exigindo transformações conceituais no atendimento a esta população específica (POLL; LUNARDI; FILHO, 2008).

6. CONCLUSÃO

O APH tem crescido muito nos últimos anos e com isso, vem sendo necessário aprimorar os conhecimentos e a forma de atendimento. O enfermeiro tem um papel fundamental para que isso ocorra, pois tem a responsabilidade por toda assistência prestada agindo como um gestor situacional. Necessitando desenvolver em si e em sua equipe habilidades para que possam tomar decisões rápidas e necessárias para a sobrevivência das vítimas.

O enfermeiro que atua no atendimento pré-hospitalar, além de ser responsável pelas atribuições e responsabilidades específicas a assistência e em tudo que envolve essa assistência, também contribui nas ações de planejamento, organização e coordenação gerencial do SAMU. Isso exige muito conhecimento, dedicação por parte do enfermeiro, pois muitas vezes, a formação profissional deixa lacunas que somente o interesse desenvolvido por esse profissional poderá reparar. Sendo que o mesmo deverá criar maneiras que preencham as necessidades de sua equipe também.

A enfermagem vem conquistando seu espaço dentro do APH através da busca de novos conhecimentos e para que isso ocorra de modo eficaz é de extrema importância que a equipe tenha um bom relacionamento, o enfermeiro não deve manter-se afastado dos demais, deve dar

abertura para que exista uma boa comunicação entre os membros. A equipe necessita estar bem preparada com um nível de profissionalização elevado para atender as chamadas dos usuários deste serviço. Dessa maneira a educação continuada, treinamentos e protocolos, possibilitam maior autonomia e segurança da equipe do que estão realizando, gerando um sentimento de satisfação por parte de todos.

REFERÊNCIAS

- [01] AVELAR, V. L. L. M. ; PAIVA K. C. M. Configuração identitária de enfermeiros de um serviço de atendimento móvel de urgência. Revista Brasileira de Enfermagem Print version ISSN 0034-7167. Rev. bras. enferm. vol.63 no.6 Brasília Nov./Dec. 2010. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672010000600022.
- [02] BUENO, A. A; BERNARDES, A. Percepção da equipe de enfermagem de um serviço de atendimento pré-hospitalar móvel sobre o gerenciamento de enfermagem. Texto Contexto Enfermagem, jan-mar, n 1, v 19, p. 45-53, Florianópolis, 2010.
- [03] BORK, A.M.T. Enfermagem de excelência: da visão à ação. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2003.
- [04] BRASIL. Ministério da Saúde. Regulamento Técnico dos Sistemas Estaduais de Urgência e Emergência. Portaria nº 2.048/GM de 05 de novembro de 2002. BRASÍLIA, p. 32-54, Nov 2002. Disponível em <<http://www.saude.gov.br>> Acesso em: 02 set 2013.
- [05] BRASIL. Lei nº 7.498, de 25 de Junho de 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem e dá outras providências. Disponível em <<http://novo.portalcofen.gov.br/lei-n-749886-de-25-de-junho-de-1986-4161.html>>.
- [06] BRASIL. Ministério da saúde. Política de educação e desenvolvimento para o SUS: caminhos para a educação permanente em saúde: polos de educação permanente em saúde. Departamento de Gestão da Educação na Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.
- [07] CHIAVENATTO, I. Administração nos novos tempos: os novos horizontes em administração. São Paulo: Makron Books do Brasil; 1999. 710 p.
- [08] COFEN. Resolução nº 300/2005. Dispõe sobre a atuação do profissional de Enfermagem no Atendimento Pré-hospitalar e Inter-hospitalar. Disponível em <<http://novo.portalcofen.gov.br/resoluo-cofen-3002005-revogada-pela-resoluo-cofen-n-3752011-4335.html>>.
- [09] COFEN. Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem, 2007. Disponível em <<http://www.portalcofen.gov.br/sitenovo/node/4158>>.
- [10] COUTINHO, K.C. Atividades do enfermeiro no atendimento pré-hospitalar. Porto Alegre. Monografia [graduação em Enfermagem] - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011.
- [11] FURUKAWA, P. O.; CUNHA, I.C.K.O. Da gestão por competências às competências gerenciais do enfermeiro. Rev. bras. enferm. [online]. 2010, vol.63, n.6, pp. 1061-1066.
- [12] GAIDZINSKI, R.R; PERES, H.H. C; FERNANDES M.F.P. Liderança: aprendizado contínuo no gerenciamento em enfermagem. Rev Bras Enferm 2004, v. 57, n4, p. 464-6.
- [13] GENTIL, R.C; RAMOS, L.H; YAMAGUCHI, I. Capacitação de Enfermeiros em Atendimento Pré-Hospitalar. Rev Latino-am Enfermagem 2008 março-abril; v 16, n 2. Disponível em: www.eerp.usp.br/rlae.
- [14] LIMA, S. B. S; ERDMANN, A. L. A enfermagem no processo da acreditação hospitalar em um serviço de urgência e emergência. Acta Paul Enferm, v. 19, n. 3, p. 271-80, 2006.
- [15] MS, MINISTÉRIO DA SAUDE. Vigilância de violências e acidentes em serviços sentinelas de urgência e emergência. Viva Inquérito – Capitais e Distrito Federal, Brasil, 2011. Disponível em: <http://portalsaude.saude.gov.br/portalsaude/texto/11202/783/boletim-epidemiologico--volume-44--no-8--2013.html>.
- [16] MARTINS, P.S; PRADO, M.L. Enfermagem e atendimento pré-hospitalar: descaminhos e perspectivas. Rev Bras de Enfermagem, agosto, 2003.v 56, n 1, p 71-75.
- [17] MOTTA, P. R. Gestão contemporânea: a ciência e a arte de ser dirigente. 9 ed. Rio de Janeiro: Record;1998. 256 p.
- [18] THOMAZ, R. R; LIMA, F. V. Atuação do enfermeiro no atendimento pré – hospitalar na cidade de São Paulo. Acta Paul Enferm 2000; v.13, n. 3, p. 59-65.
- [19] PERES, A. M; CIAMPONE, M. H. T. Gerencia e competências gerenciais do enfermeiro. Texto Contexto Enfermagem, jul-set, v 15, n 9, p. 492-499, Florianópolis, 2006.
- [20] PEREIRA, W. A.P ; LIMA, M. A. D.S. O trabalho em equipe no atendimento pré-hospitalar à vítima de acidente de trânsito. Revista da Escola de Enfermagem da USP, v.43, n.2, São Paulo, Jun, 2009.
- [21] POLL, M. A.; LUNARDI, V. L.; FILHO, W. D. L. Atendimento unidade de emergência: organização e implicações éticas. Acta Paul Enferm, v. 21, n. 3, p. 509-514, São Paulo, 2008.
- [22] PROCHNOW, AG. et al . O conflito como realidade e desafio cultural no exercício da gerência do enfermeiro. Rev Esc enferm USP, v. 41, n. 4, p. 542-450, São Paulo, 2007.
- [23] RAMOS, Viviane Oliveira; SANNA, Maria Cristina. A inserção da enfermeira no atendimento pré-hospitalar: histórico e perspectivas atuais. Rev. bras. enferm. [online]. 2005, vol.58, n.3, p. 355-360.
- [24] RESOLUÇÃO COFEN Nº 375/2011. Dispõe sobre a presença do Enfermeiro no Atendimento Pré-Hospitalar e Inter-Hospitalar, em situações de risco conhecido ou desconhecido. Disponível em: <http://novo.portalcofen.gov.br/resoluo-cofen-n-3752011-6500.html>
- [25] ROMANZINI, M. E; BOCK, L. F. Concepções e sentimento de enfermeiros que atuam no atendimento pré-hospitalar sobre a prática e a formação profissional. Revista Latino- Am. Enfermagem, mar-abr, n 18, v 2, 2010.
- [26] SEVERINO, A. J. Metodologia do trabalho científico. 23 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

- [27] VENDEMIATTI, M et al. Conflito na gestão hospitalar: o papel da liderança. Ciênc. saúde coletiva. 2010, vol.15, suppl.1, pp. 1301-1314.
- [28] BRASIL. Lei nº 7.498, de 25 de Junho de 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem e dá outras providências. Disponível em <http://novo.portalcofen.gov.br/lei-n-749886-de-25-de-junho-de-1986_4161.html>.
- [29] BRASIL. Ministério da Educação (BR), Conselho Nacional de Educação. Resolução No 3, de 07 de novembro de 2001. Diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Enfermagem. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, 09 Nov 2001. Seção 1. p.37.